

Biografia e valor literário

Marília Rothier Cardoso

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

O modelo da crítica biográfica, em análise de Borges

Em dezembro de 2000, a *Folha de S. Paulo* publicou, no caderno “Mais”, um texto de Jorge Luís Borges sobre a biografia do Dr. Jonhson, escrita por James Boswell¹. O interesse de um veículo de massa pelo modelo biográfico da cultura moderna — resgatado através da palavra de um refinado ficcionista, famoso por seu jogo de burla com o discurso histórico-crítico — sugere algumas considerações sobre o papel contemporâneo da biografia na atribuição do valor literário. Durante o século XVIII, quando a arte e a literatura, desamparadas do mecenato, ingressaram como mercadorias no espaço público recém-instaurado, a função autoral tornou-se imprescindível para o controle jurídico-econômico da circulação das obras. Essa conjuntura atualizou a construção biográfica² (representada por auto-retratos e perfis plásticos e verbais) para servir de instrumento legitimador do produto artístico. A coerência e a excepcionalidade do sujeito-artista, demonstradas pelos traços de sua fisionomia ou por sua trajetória de vida, passaram tanto a garantir a qualidade da obra sob sua assinatura, quanto a assegurar que, no futuro, a mesma permanecesse íntegra e fosse divulgada. Na virada do século XX para o XXI, o mercado globalizado desconhece, calculadamente, a distância entre artista e obra, transformando ambos em imagens lucrativas, reproduzidas, em maior ou menor escala, na forma de videoclipes, exposições e espetáculos de

¹ BORGES, Jorge Luís. Boswell – a arte da biografia. “Mais”, *Folha de S. Paulo*, 24/12/2000. (Publicado na série “Borges professor”)

² BONNET, Jean-Claude. Le fantôme de l'écrivain. *Poétique*. 63, Paris, sept. 1985. p.271, 272.

feição fictício-biográfica. Por seu turno, a crítica acadêmica, reavaliando o velho espaço público burguês de onde proveio, na abertura da modernidade, procura a estratégia mais eficiente de contrapor-se ao mercado. Deve formular critérios de raciocínio conceitual e valorativo, livres da utopia democratizante ou da nostalgia elitista, para a formulação de um estatuto da arte, que corresponda à noção antropológica de cultura, sem privilégios econômico-políticos ou genérico-raciais. Para aplicar e transformar convenientemente a herança moderna recebida, cabe o contraponto entre a crise atual e a anterior, velha de dois séculos. A prática da biografia, responsável pela canonização de Johnson e de Goethe, exacerbada e depois rejeitada como expediente crítico, revela-se, então, um caminho possível para o difícil reajuste dos parâmetros avaliativos.

Borges apresenta seus comentários sobre a escrita biográfica de Boswell, à maneira desprezenciosa de anotações para uma aula (datadas de 07/11/1966), onde cabem suposições e digressões. A marca híbrida de seu estilo, que combina ficção com ensaísmo e oralidade tradicional com técnica escritural subversora, está presente nas observações (ora eruditas, ora banais), cujo alcance amplia o significado do trabalho de Boswell, tanto quanto abre outras dimensões para a tarefa biográfico-crítica na contemporaneidade. De início, Borges menciona a consideração irônica de Thomas Carlyle sobre Samuel Johnson: este, interessado em ver fantasmas, não se teria dado conta de que ele próprio, assim como as multidões humanas nas ruas de sua amada Londres, não passavam de fantasmas. Com esse toque de humor negro, aparentemente descartável, indica-se, como o estatuto mais adequado ao do sujeito biografado, o estatuto fantasmático. Ainda que por caminhos diversos, a afirmativa de Carlyle, destacada por Borges, coincide com as teses da “morte do autor”³, evidenciando a insustentabilidade da noção de sujeito soberano, enquanto princípio apreensível do caráter superior e íntegro de uma obra. Mostrando que a referência ao autor biografado como fantasma não é gratuita, Borges segue descrevendo a estratégia, empregada por Boswell, para apresentá-lo, através de comparações com a técnica de caracterização ficcional. Como forma de destaque do raciocínio brilhante de seu biografado, o biógrafo Boswell, além de enfatizar o teor epigramático e engenhoso das falas de Johnson, teria delineado seu próprio perfil, nos diálogos com o mestre, através de atitudes tolas, ingênuas e até ridículas, a exemplo das de Sancho ou de Watson — personagens romanescas assim construídas para dar o devido realce aos heróis, Quixote e Sherlock Holmes. O tratamento paralelo, dispensado por Borges, a biógrafo e biografado, explicitando a qualidade fantasmático-fictícia do relato (auto)biográfico,

³ BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: brasiliense, 1988.

desenvolve-se em direção ainda mais interessante, quando inclui a máxima de uma filosofia hindu do século V que, ao descrever os homens como espectadores de seus próprios atos, apresenta o sujeito como duplo: o eu observa-se como outro, identificando-se com o mesmo e, simultaneamente, distanciando-se dele. Com o expediente exótico de invocar a antiga filosofia hindu, Borges rejeita a base unitária da convenção biográfica, ao mesmo tempo que, passando a considerar a duplicidade do sujeito, aponta (embora sem desdobramentos) o caráter também múltiplo da obra — conjunto de traços identitários diferentes, correspondentes a forças em constante tensão. Esse caráter múltiplo ou polifônico melhor se revela quando a construção biográfica boswelliana é tratada como obra dramática, onde intervêm várias personagens. Através dos aspectos, que certamente passaram despercebidos no século XVIII, mas são apontados pela leitura (pode-se dizer pós-moderna) de Borges, ressaltam-se as estratégias da crítica biográfica moderna para estabelecer o valor literário — as marcas do discurso (escrito e publicado ou ouvido em conversas) do autor-objeto são enfatizadas e contrastadas com outros discursos, propositalmente caricaturados ou minimizados. Assim se legitima a obra (ou o estilo literário) do biografado e garante-se sua circulação no mercado cultural.

A noção de valor intelectual e estético de uma obra, que explica (o que hoje se chamaria) seu sucesso de crítica e público, acha-se configurada, de forma modelar, na biografia do Dr Johnson, construída, há dois séculos, por Boswell. No entanto, nos dias atuais, essa noção de valor não mais se sustenta, porque a crítica vê-se obrigada a considerar os mais diversos critérios avaliativos, correspondentes a poderes diferentes, em constante conflito, num espaço cultural, onde o mercado globaliza para massificar e os interesses minoritários (correntes universitárias de pensamento, grupos étnicos ou genéricos, movimentos de descolonização) lutam pela fragmentação e pelo reforço das diferenças. Uma vez que a biografia é uma forma narrativa ainda sedutora seja para a maioria seja para as minorias, o resgate sistemático da crítica biográfica pode promover oportunidades iluminadoras para o debate teórico-prático sobre o valor, na área da cultura. Veiculando uma produção artística a uma trajetória intelectual, a biografia de escritor historiciza as formas estéticas, indicando o nexo necessário entre julgamento valorativo e circunstâncias sócio-político-econômicas. O trabalho de construção biográfica, conforme ficou dito acima, aproxima-se do expediente de conjurar fantasmas. Assim, descreve um processo de subjetivação, onde, em meio ao choque de forças do momento histórico, produz-se um saber de efeito singularizador, resultante de voluntária e saudável operação que consegue (nos termos

neo-nietzscheanos de Foucault e Deleuze⁴) “dobrar” as forças, fazer com que se afetem a si mesmas, para furtar-se a elas. Tal processo de subjetivação vai-se conformando em vida e obra paralelamente estetizadas. Como a tarefa, em questão, é infinita, as marcas, que identificam escritor e escritura, mostram-se em conflito, delineando a feição dupla ou múltipla do (auto)biografado, tanto quanto a estrutura dramática da biografia — aspectos enfatizados por Borges. Se o fascínio pelo biográfico resulta de toda essa complexidade, fica claro que seu papel crítico-avaliativo é exercido na dispersão das diversas tradições representadas e das contraditórias referências de raça, gênero ou classe necessariamente aí envolvidas. Por isso mesmo, o valor artístico/literário proposto pela biografia não satisfaz plenamente às expectativas de nenhum dos circuitos culturais (o midiático, o acadêmico, os alternativos), mas atende a uma parcela das exigências diferentes de cada um deles. Para medir a produção de um fantasma, configurada em bela forma híbrida, o valor não pode deixar de corresponder a uma economia instável e heterogênea.

⁴ DELEUZE, Gilles. A vida como obra de arte. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart, Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 122-124.

A subversão do modelo crítico-biográfico

Se a leitura desconstrutora de Borges evidencia as transformações por que vem passando o critério valorativo, ancorado no suporte biográfico, o exame de um exemplo contemporâneo de biografia não-canônica tem o propósito da identificação de alternativas tanto para a escolha das personagens a serem biografadas, quanto para o método de traçar-lhes o perfil. *O encontro entre Bandeira e Sinhô*, estudo de André Gardel⁵, faz, justamente, um uso produtivo desses caminhos alternativos. Quando tematiza os contatos sócio-estéticos entre o poeta e o sambista, subverte as referências avaliativas (sejam as tradicionais, sejam as da vanguarda), pois desconsidera as barreiras entre o gosto erudito e o popular. Para realizar seu propósito de exercício crítico transgressor, combina técnicas hermenêuticas de disciplinas e correntes diversas, explicitando o trânsito das marcas identitárias diversas entre as classes, etnias, espaços urbanos e comportamentos artísticos e/ou profissionais. A análise temático-estilística do texto poético e do conjunto semiótico formado por letra e música constitui a base de sua reflexão, motivada pelas afinidades — apesar das diferenças irreduzíveis — entre as artes de Bandeira e Sinhô. Mas tal trabalho de análise só pode ter resultado interpretativo, através de fundamento metodológico (no caso, fornecido pelo conceito bakhtiniano de “carnavalização”⁶),

⁵ GARDEL, André. *O encontro entre Bandeira e Sinhô*. Rio de Janeiro: Secr. Municipal de Cultura, DGDIC-DE, 1996. (Trata-se de uma tese de Mestrado, defendida na UFRJ e incluída na coleção “Biblioteca carioca”.)

⁶ BAKHTINE, Mikhail. *La poétique de Dostoievski*. Trad. Isabelle Koliatcheff. Paris: Seul, 1970. p. 169-180.

que interrelacione texto e contexto, tradição literária e rito social. As conclusões histórico-sociológicas são apropriadas, na qualidade de dados emblemáticos de uma conjuntura, onde, por aparente acaso, oferecem-se à leitura tensões, acomodações e desdobramentos de um longo processo de transculturação. Seguindo as considerações de Carlo Ginzburg, pode-se dizer que tal conjuntura possibilita, ao trabalho intelectual, tornar produtivas “a consciência pesada do colonialismo e a consciência pesada da opressão de classe”⁷, com o resgate da herança cultural mestiça e da incipiente indústria do entretenimento, enquanto forma de profissionalização das camadas pobres (até então duplamente desqualificadas).

⁷ GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 17.

No estudo de André Gardel, a montagem teórico-metodológica não chega a produzir propriamente uma biografia; seu escopo, propositalmente, não comporta longos percursos, pois deseja o recorte — e o enfoque ampliado — de determinado comportamento, num instante iluminador. Enquanto morou na ladeira do Curvelo, em Santa Teresa, o poeta Manuel Bandeira escreveu crônicas jornalísticas e freqüentou a Lapa boêmia, onde aconteceu encontrar-se, um (possível) par de vezes, com o sambista Sinhô. Não se incluem os antecedentes de ambos, nem os desdobramentos de suas vidas, mas apenas esse fragmento de trajetórias que se tocaram. O livro define seu objeto, nos seguintes termos:

*o encontro entre o poeta e cronista e o compositor de música popular parte de situações factuais para se realizar aqui enquanto representação simbólica, numa abordagem de cunho histórico-literário-musical.*⁸

⁸ GARDEL, André. Op. cit. p. 26.

Se o estudo dos “laços de amizade literária entre os autores”⁹ (na formulação de Eneida Souza) tem sido uma tática dos biógrafos-críticos para evitar os julgamentos simplificadores (correspondentes às relações convencionais e hierarquizantes, metaforizadas no parentesco e descendência), o enfoque de um “encontro” serve de modelo em miniatura para a avaliação consistente da troca entre culturas, sem nostalgia nem preconceito.

⁹ SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: PEREIRA, Maria Antonieta & REIS, Eliana Lourenço de (org.). *Literatura e estudos culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000. p.48.

A temática do “encontro” parece uma alternativa rentável para a narrativa biográfica contemporânea, que já quebrou a “ilusão” de verdade e plenitude, tanto quanto abriu mão do modelo de uma identidade subjetiva integrada. O “encontro” serve à retomada da biografia crítica, porque privilegia o intercâmbio dos indivíduos, através dos aspectos informais da sociabilidade. No texto de André Gardel, o primeiro contato entre Bandeira e Sinhô dá-se, sintomaticamente, num velório. Pode-se emblematizar, nesse rito sócio-religioso, a morte do autor genial

e a reunião de amigos — vindos de formações culturais, classes e interesses diferentes — para, como quer Gardel, operar a “carnavalização” do enterro no retorno da festa, que é tanto diversão quanto trabalho. Do ponto de vista do novo crítico-biógrafo, não interessa nem a carreira de poeta, cronista e professor de Manuel Bandeira, nem o caminho de exceção, onde o vadio mestiço, José Barbosa da Silva, profissionalizou-se e ascendeu como o músico Sinhô. Interessa o momento de encontro, menos enquanto contato cordial (já que as trocas culturais não são equilibradas, nem democráticas) e mais como “plágio” não consentido, através do qual a poética de um rouba a dicção do outro.

André Gardel não se fez biógrafo por ter testemunhado (ou reconstituído documentalmente) um encontro real entre Bandeira e Sinhô. A importância estratégica de seu trabalho reside na exploração sistemática de um sintoma de contágio. No retrato da bandeiriana “Estrela da manhã” delineiam-se os perfis superpostos do ritmista mestiço e do incipiente comunicador de massa. A visada crítica contemporânea sobre a poética modernista brasileira não pode mais prescindir da mediação de produtos artísticos (como a canção “Jura” de Sinhô) que condensam e coletivizam, no registro fonográfico, as dissonâncias da vanguarda, as memórias sonoras africanas e as cadências escolares de uma épica clássica — tudo finalizado graças à interferência técnica.

Biografia e cânone literário brasileiro

O contraponto entre o texto modelar da crítica biográfica e uma amostra das várias mudanças, que o mesmo tem sofrido, desde a instauração da estética iluminista até a busca contemporânea de matrizes avaliadoras estético-políticas, que façam jus às diferenças culturais, revela a inescapável aliança entre o critério artístico e as instâncias de controle socioeconômico. Qualquer reflexão, que escamoteie essa aliança, torna-se falseadora e inútil. É necessário, então, considerá-la, tanto pelo viés do saber especializado, que confere prestígio a textos e autores, quanto pelo viés das operações mercadológicas, através das quais se garante a circulação e permanência dos mesmos no panorama cultural da sociedade. O cânone literário brasileiro oferece material interessante para se refletir na direção proposta, mostrando a presença dos traços biográficos de escritores como estratégia da divulgação de sua obra e figura para massa e como referência privilegiada na fortuna crítica, que lhe coube.

No ensaio *O homem encadernado*, Maria Helena Werneck opera a desconstrução das mais conhecidas biografias de Machado de Assis, considerando a escrita das mesmas em paralelo com outros rituais de consagração pública do escritor. Tendo tomado de empréstimo a Nietzsche os parâmetros para “um pensar saudável sobre biografias”¹⁰, contextualiza cada relato num momento da história da cultura brasileira. Assim, revelando os nexos de interdependência entre as (supostas) verdades biográficas e o discurso hegemônico da época, restitui ao velho Machado sua condição espectral, capaz de assombrar, com a peculiaridade de seu texto melacólico-galhofeiro, leitores do presente e do futuro. Machado de Assis, no entanto, embora oficialmente guindado ao topo de nosso cânone literário, não representa matéria apropriada à redação de biografias para a massa. Se quisermos observar, no panorama nacional, uma figura de escritor, que inspirou dos mais eruditos estudos crítico-biográficos aos mais populares seriados televisivos, encontraremos Euclides da Cunha — já famoso, em vida, por tematizar um episódio controverso de nossa história e imediatamente consagrado, em seguida a uma morte violenta.

O processo de canonização do autor de *Os sertões* incluiu variados ritos, iniciativas e produções artístico-intelectuais, nas primeiras décadas do século XX, quando a sociedade brasileira buscava um tipo de progresso ilustrado, conforme os ideais positivistas. Além dessa circunstância, o que também explica sua transformação em foco de interesse, tanto da intelectualidade quanto da mídia, é o fato de, desde jovem, Euclides ter-se identificado como figura pública, ora no papel de jornalista, ora no de notícia. Segundo Walnice Nogueira Galvão, professora que vem dedicando anos de pesquisa aos escritos e às idéias políticas de Euclides, a primeira vez que este “chama a atenção pública” é através de um gesto adolescente, quando, “em sinal de protesto contra a monarquia, atira ao chão seu sabre, no momento em que o Ministro da Guerra visitava a Escola Militar”¹¹. Outro dos pesquisadores universitários dedicados à vida e obra euclidiana, Roberto Ventura, mostra como aquele “protesto trouxe notoriedade a Euclides, que foi convidado por Júlio de Mesquita para escrever em *A Província de São Paulo*, hoje *O Estado de São Paulo*.”¹² Foi assim que, paralelo à carreira de engenheiro militar e civil, Euclides da Cunha exerceu a profissão de jornalista. No início de 1897, quando as atenções do país se concentravam nas várias tentativas do exército de debelar a revolta sertaneja de Canudos, Euclides publicou, sobre o assunto, dois artigos de retórica republicana retumbante. Estes lhe valeram o convite para cobrir a luta, no sertão baiano, como repórter de *O Estado de São Paulo*. De volta da missão — bastante impressionado com o isolamento da

¹⁰ WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996. p. 17-30.

¹¹ GALVÃO, Walnice Nogueira. *Gatos de outro saco*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.65, 66.

¹² VENTURA, Roberto. Texto introdutório a *Os sertões*. In: SANTIAGO, Silviano, org. *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. V.1, p. 175.

pobreza sertaneja e com a energia dos fanáticos do Conselheiro —, o repórter retomou suas tarefas de engenharia, enquanto se dedicava, durante cerca de quatro anos, à pesquisa acurada e à reflexão interpretativa sobre sua experiência de observador da guerra. Daí, surge seu primeiro livro, *Os sertões*. Nas palavras do professor Roberto Ventura, foi “fulminante” o sucesso do livro, que mereceu comentários elogiosos dos críticos mais respeitáveis da época, com destaque para José Veríssimo¹³. Em consequência da aceitação entusiástica de seu trabalho, Euclides elegeu-se para a Academia Brasileira de Letras. Pouco depois, em 1904, o escritor escolheu lançar-se a nova aventura pelo interior, dessa vez na Amazônia, quando chefiou a Comissão de Reconhecimento do Alto Purus e recolheu matéria para outros ensaios, mais curtos e menos famosos que *Os sertões*.

Como autor, Euclides da Cunha assume posições polêmicas, buscando explicar a história pela ciência positiva e estilizando, em arte expressionista, as geografias selvagens e as personagens heróicas. Ainda assim, ou por isso mesmo, *Os sertões* continua, até hoje, sendo sucessivamente reeditado. Trata-se de um caso raro, no panorama brasileiro, de “escritor difícil”, transformado em signo de *status*, como avalia a sempre atenta Walnice Galvão: “Nos lares brasileiros de um certo nível sócio-cultural, é de rigor um exemplar d’*Os sertões* na estante, o que não implica em que ele jamais tenha sido aberto.” Estimada, embora quase desconhecida, a principal obra de Euclides, pelo número de edições, que atingiu, “constitui um recorde para a literatura erudita no Brasil”, enquanto seu autor “ficou mesmo mais conhecido por seu destino trágico”¹⁴. Em sua especificidade contraditória, o legado de Euclides tem sido reclamado por duas ordens de herdeiros (contemporâneos e pósteros): os que — à esquerda ou à direita — sustentam um discurso político e/ou acadêmico, preocupado com a construção da identidade brasileira, e os que detêm um discurso midiático, dirigido a um tipo de entretenimento educativo, cuja matéria básica constitui-se de artistas metamorfoseados em personagens sedutoras.

¹³ *Ibidem*. p. 172.

¹⁴ GALVÃO, Walnice Nogueira. *Saco de gatos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p. 87, 88.

Fortuna crítica e estereótipo biográfico

Assassinado, em plena maturidade produtiva, pelo amante de sua mulher, Euclides torna-se ocupante simbólico daquele mesmo espaço habitado pelos sertanejos da caatinga e do Amazonas — os despossuídos do Brasil, cuja dignidade, insistentemente, procurou resgatar pela força de sua palavra. Nessa circunstância, a conjuração do

¹⁵ Cf. DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 61.

fantasma do escritor ganha aquele sentido de alistamento solene de conspiradores¹⁵ em proveito de uma causa nacional. Ainda que homens da cidade e do conforto civilizado, os amigos e admiradores do defensor (recém-desaparecido) dos sertanejos empenham-se no trabalho do luto, reunindo seu espólio intelectual (cartas, manuscritos, artigos) e cuidando da divulgação de sua obra. São os membros do Grêmio Euclides da Cunha, que, liderados por Francisco Venâncio Filho e Edgar Sússekind de Mendonça, editaram, anualmente, entre 1914 e 1939, a *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, sempre com a data da morte do escritor, 15 de agosto.

À atividade desenvolvida por esse grupo carioca de admiradores de Euclides, filia-se a biografia de Eloy Pontes, significativamente intitulada *A vida dramática de Euclides da Cunha* e incluída na prestigiosa “Coleção Documentos Brasileiros” da Editora José Olympio, em 1938. Indicando sua participação no trabalho do luto, que se desdobra em ritos de canonização do escritor, Eloy Pontes acrescenta, como apêndice de seu livro, o discurso que proferiu, “em 1936, à beira do túmulo de Euclides da Cunha”. Nessa oportunidade, exalta o escritor, porque

*só depois dele se conheceram os problemas supremos do Brasil. Até então os sertanejos, vivendo como párias, expostos aos castigos da fome e do crime, eram ignorados de todos. Euclides da Cunha foi quem os trouxe para os debates, expondo-os aos olhos do país estarecido.*¹⁶

¹⁶ PONTES, Eloy. *A vida dramática de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. p. 341.

Há quase só emulação na biografia de Eloy Pontes. Embora resulte de extensa pesquisa, não indica fontes; o objetivo evidente do trabalho é contagiar o leitor com seu entusiasmo pelo biografado. O estilo narrativo, que desenvolve, parece querer imitar os períodos ritmados e incisivos de *Os sertões*. É assim que descreve Euclides, em seu regresso do interior baiano: “A sorte dos sertanejos domina-lhe todos os sentidos. Volta quase jagunço também. Identificara-se com os fanáticos, compreendendo os sacrifícios a que estavam expostos.”¹⁷ Mais ainda que imitar, a escrita de Eloy Pontes entremeia seus parágrafos com longas citações de Euclides e apropria-se de expressões euclidianas para compor suas frases. Trata-se, é certo, da proposital confusão entre fantasma e conjurador, de modo a atrair para este a glória daquele. Embora empregando o léxico e a sintaxe de um erudito, o biógrafo, membro do Grêmio Euclides da Cunha, adota o tom retórico do tribuno e o comportamento do jornalista. Usa documentos e depoimentos como verdades indiscutíveis. Busca convencer e não fazer refletir.

¹⁷ Ibidem. p. 154.

Os protocolos de consagração de um artista apoiam-se na aparência secreta do objeto admirado. Por sua vez, cabe, ao estudioso, o trabalho hermenêutico, diante do “enigma da grandeza da obra, de sua novidade, enigma de seu autor, do seu sentido ou de sua origem.”¹⁸ Como Derrida adverte, em *Os espectros de Marx*, toda herança é heterogênea, contraditória. “Se a legibilidade de um legado fosse dada, natural, transparente, unívoca, se ela não pedisse e não desafiasse ao mesmo tempo a interpretação, não se teria nunca o que herdar.”¹⁹ O grande potencial crítico-biografável de Euclides — tanto quanto a dificuldade de poder-se tornar seu herdeiro — reside, justamente, no enigma, que sua obra e vida representam. Destacando essa característica, Walnice Galvão observa a fortuna crítica do autor, “sempre marcada pela controvérsia”.²⁰ Como parece não admitir dúvidas e ambigüidades, nem dar-se ao trabalho de seleção e escolha, Eloy Pontes, dificilmente, pode ser considerado um herdeiro de Euclides — herdeiro do impulso analítico-interpretativo diante da diferença perturbadora —, mesmo que sua biografia tenha contribuído para a glória do escritor.

Já Olímpio de Sousa Andrade, que se apresenta como biógrafo-crítico, em seu *História e interpretação de Os sertões*, de 1960, procura, ainda meio canhestamente, estudar as faces contraditórias do enigma, representado pela herança, de que deseja se apropriar. Nascido em São José do Rio Pardo, Olímpio Andrade pertence a uma outra vertente da atividade consagradora, desenvolvida em torno da memória de Euclides da Cunha. Foi na cidade paulista de Rio Pardo, entre 1898 e 1902, que Euclides escreveu *Os sertões*, durante a construção de uma ponte, que supervisionou. É o próprio Olímpio Andrade, que se encarrega de descrever a roda de amigos, formada em torno do escritor pelos homens mais cultos da região. Esses amigos, sob a liderança do bibliófilo Francisco Escobar, estiveram sempre prontos a apoiar Euclides, com empréstimo de livros, recolha de dados, sugestões de leitura dos clássicos e, principalmente, atenção e estímulo.²¹ Não é de se estranhar, portanto, que os eruditos de Rio Pardo, sentindo-se colaboradores da obra famosa, desejassem, depois da morte de Euclides, participar também da sua glória. Paralelamente às ações cariocas do Grêmio, as autoridades riopardenses instituíram a Semana Euclidiana (realizada anualmente), reuniram peças do acervo do escritor na Casa de Euclides da Cunha (para onde, depois, se transferiu o arquivo do Grêmio) e ainda cuidaram de preservar a cabana de zinco, à beira do rio, onde o escritor-engenheiro teria redigido partes de seu livro. Transformada em signo-fetichado do complexo trabalho escritural de Euclides, a cabana tornou-se ponto turístico de Rio Pardo, recoberta por uma proteção de vidro. Hoje, a principal página sobre Euclides da Cunha,

¹⁸ WERNECK, op. cit., p. 73.

¹⁹ DERRIDA, op. cit., p. 33.

²⁰ GALVÃO, op. cit. p. 88.

²¹ ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os sertões*. São Paulo: Edart, 1960. p. 160-175.

na *internet*, é um misto de orientação para estudantes secundaristas, guia de turismo regional e noticiário da Semana Euclidiana.

Publicado, há quarenta anos, mas ainda bastante citado na atual fortuna crítica do escritor, o estudo de Olímpio de Sousa Andrade apresenta um método de composição, em tudo, oposto ao de Eloy Pontes. Meticuloso nas notas, indica todas as suas fontes de informação (documentos ou depoimentos) e vai arrolando e discutindo os pontos de vista de todos os seus antecessores, na análise de *Os sertões*. Seu estilo, simples e direto, obediente aos protocolos acadêmicos, afasta-se, explicitamente, da ousada forma ensaística do objeto de sua interpretação. Esta baseia-se no relacionamento de três linhas de trabalho — a análise estilística de passagens destacadas da obra (incluindo o confronto entre duas versões do trecho antológico sobre o “estouro da boiada”), o paralelo da biografia do autor (com destaque para suas referências geográfico-afetivas da infância) com uma espécie de genealogia da composição da obra e o contraponto entre as discutíveis referências científicas da virada do século e os cuidados artesanais do poeta com seu texto.

*Nesse homem, que aliava à paixão pelo estudo e ao amor pela exatidão a paciência de estilista que suprimia, transferia e alterava trechos, quantas vezes fosse preciso, o estudo da História teria de ser feito de maneira perfeita, integrando-se no conjunto do seu revolucionário livro de estréia, que conduz a todos os caminhos, sem, a rigor, nos fazer perder-nos em nenhum, porque, acima de tudo, o que naquelas páginas nos guia são olhos de poeta e de profeta.*²²

²² *Ibidem*, p. 214.

O raciocínio interpretativo de Olímpio Andrade não assume — mas também não disfarça — o interesse de acertar contas com a glória de Euclides, indicando, ponto a ponto, a dívida deste com a paisagem, o ambiente sócio-econômico-moral e o círculo de colaboradores esclarecidos de São José do Rio Pardo. Em troca de a cidade paulista ter-lhe permitido exercer plenamente sua poesia profética, caberia integrar a abertura revolucionária de *Os sertões* à herança cultural dos riopardenses, presentes e futuros. Não se trata, no entanto, de provincianismo estreito, mas de uma espécie de insegurança do conjurador, diante do poder atribuído ao espectro invocado. Como não se apresenta enquanto poeta — mas apenas um erudito da poesia — nem, muito menos, profeta — apenas um intérprete das palavras opacas dos profetas —, Olímpio Andrade limita suas exegeses ao consenso dentre seus pares:

*acentuou que um estudo amplo sobre o Brasil (...) exigia a preliminar definição da nossa psicologia em função do meio e dos componentes étnicos, assim como dos traços mais vivos da nossa formação histórica, o que, evidentemente, é esquema de seu próprio livro.*²³

²³ Ibidem, p. 204.

Também limita sua nota de intervenção política à mediania do modelo liberal:

*Chegando ao vale, junto ao esqueleto da ponte de aço (...), seus operários de várias nacionalidades (...) revelam-lhe a grandeza do trabalho livre a construir uma história mais bela e mais humana que a do Vale do Paraíba escravocrata.*²⁴

²⁴ Ibidem, p. 177.

Apesar desses limites, o trabalho de Olímpio Andrade não perde de vista o caráter fantasmático de sua personagem; não confunde nunca o perfil de Euclides, que desenha, com a (suposta) objetividade histórica do escritor.

Interdisciplinaridade renovadora da biografia crítica

No que diz respeito aos estudos biográficos de Euclides da Cunha, entre os equívocos grandiloquentes de Eloy Pontes e as qualidades discretas de Olímpio de Souza Andrade, avulta o ensaio interpretativo de Gilberto Freyre, também grandiloquente — embora algo desabusado — mas dotado de qualidades destacáveis, na ousadia de sua formulação. Esse ensaio (datado, como o de Pontes, de 1938) serve de comentário introdutório à edição de textos de Euclides, anteriores a *Os sertões*, reunidos pela mesma “Coleção Documentos Brasileiros” de José Olympio, sob o título *Canudos (Diário de uma expedição)*. Foi, mais tarde, revisto e incluído em diferentes coletâneas de ensaios gilbertianos, na companhia de outro ensaio do mesmo teor, sobre a obra e a trajetória de Euclides da Cunha. Para quem conhece um pouco as questões acerca da cultura brasileira, que constituíram a busca obsessiva do autor de *Casa-grande e senzala*, fica evidente seu desejo de apropriar-se da herança de Euclides — apropriar-se a sua maneira peculiar —, para fazer de Euclides o pai adequado à rebeldia do filho personalíssimo, mas preservador do legado de sua linhagem. Atormentado, como seu precursor escolhido, pelo espectro da mestiçagem — espectro freqüentemente confundido com

²⁵ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz. Casa-grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos trinta*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. p. 46, 47.

²⁶ Os ensaios gilbertianos sobre Euclides foram revistos e publicados também em: *Perfil de Euclides e outros perfis* (José Olympio, 1944).

²⁷ FREYRE, Gilberto. Euclides da Cunha: sua interpretação do Brasil. In: FREYRE, Gilberto. *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. p. 142.

²⁸ *Ibidem*, p. 139.

²⁹ *Ibidem*, p. 139, 140.

um estigma —, Gilberto Freyre desenvolve um método de acolher contradições em seu raciocínio reconstrutor da história. Assim, desobrigado de resolver ambigüidades, desvenda a trama das mediações, que garantiriam a “plasticidade”²⁵ de uma etnia híbrida e uma cultura heterogênea.

Seguro de sua paridade intelectual com o biografado, Gilberto enfrenta, sem medo, o poder e o perigo da aparição espectral, que conjura. Certo de que seus conhecimentos científicos servem a sua vocação de escritor, mostra-se disposto ao diálogo com fantasmas. Quando delinea, criticamente, seu “perfil de Euclides”²⁶, sabe dosar o emprego, bastante grosseiro, da teoria psicanalítica de Freud com o exercício, delicado e persistente, da faculdade proustiana da memória; justapõe sua própria imagem ao espectro euclidiano para produzir, através das afinidades e diferenças ressaltadas, referências identificadoras da brasilidade.

Como antropólogo, que escolheu pesquisar a privacidade das gerações anteriores e seu próprio passado íntimo, para construir uma história interpretativa da formação cultural do país, Gilberto Freyre só poderia empreender a crítica da obra euclidiana a partir do enfoque biográfico. Sem se obrigar a um relato cronológico da trajetória do escritor, vai considerando aspectos de seu estilo reflexivo-escritural, através de um paralelo — às vezes cuidadosamente nuançado, às vezes lugar-comum — com as atitudes impulsivas e os gestos dramáticos daquele que “já entortara uma espada num instante de fúria”.²⁷ Assim, começa negando à paisagem, descrita em *Os sertões*, o significado de “um simples capítulo de geografia física e humana do Brasil”. Ao contrário, tal paisagem passa definir-se como “aquela que a personalidade angustiada de Euclides da Cunha precisou exagerar para completar-se e exprimir-se nela”²⁸. Num lance estratégico de valorização da peculiaridade de seu objeto de estudo, Gilberto ressalta sua disparidade promissora com o panorama literário da *belle époque*:

*O Euclides que em 1897 se defrontava com os sertões era ainda um adolescente no incompleto da personalidade, no indeciso das atitudes. Um adolescente que vinha do litoral e de sua civilização, cheio de mãos esquerdas diante dos homens já feitos e das cidades já maduras da beira do Atlântico. Precisando do deserto para acabar de formar-se no meio do inacabado da colonização pastoril, sem se sentir olhado, observado ou criticado pelos escritores convencionais do Rio de Janeiro.*²⁹

A disparidade, que, à primeira vista, desqualificaria o aspirante a escritor (“cheio de mãos esquerdas”), revela-se, antes, a condição necessária à ruptura com o ambiente afrancesado — ou, pior ainda, helenizado — da cultura hegemônica. Inassimilável ao modelo intelectual de seu tempo, Euclides ter-se-ia, no raciocínio interpretativo de Gilberto, deixado impregnar pelo “exótico regional” (sertanejo e amazonense) e conseguido “fazer desse aparente exotismo novo centro da própria nacionalidade.”³⁰ Ora, essa síntese da trajetória literária de Euclides da Cunha compõe-se, sob medida, para autolegitimar a obra gilbertiana, que se afastou, de propósito, do modernismo paulista, fugindo à sedução das vanguardas européias, assim, construiu-se — de forma tão produtivamente revolucionária quanto a de Euclides — a partir da leitura revalorizadora da tradição regional nordestina. Ao apontar o narcisismo fértil de Euclides³¹, Gilberto Freyre revela e justifica seu próprio processo de trabalho.

Na mão de um biógrafo-crítico, esse procedimento é interessante e arriscado. Para bem invocar o espectro, que ronda suas preocupações, Gilberto se fantasmaliza — isto é, projeta-se como a imagem de seu desejo de ter construído uma identidade brasileira mestiça, respeitável e respeitada. É através dessa imagem fantasmática de sua obra que se aproxima da obra de Euclides para ler, em suas entrelinhas, o sonho de heroísmo, que a impulsionou e lhe deu a forma grandiosa. Se, por um lado, assim se garante a abertura teórica do biógrafo e se assegura seu lugar de herdeiro; por outro lado, a condensação dos sonhos dificulta o despertar. Empatizado com seu objeto, o estudo de Gilberto perde parte de sua radicalidade crítica. Logo que percebidos, os equívocos da ciência de Euclides são descontados em seu saldo de realizações poéticas e proféticas — onde se inclui o “tropicalismo” *avant la lettre*, atribuído ao pensamento euclidiano.

A atividade biográfica, entendida como conjuração de fantasmas, é aquela que leva em conta o “trabalho” desempenhado pelos mesmos, isto é, sua “potência de transformação”³². Biografar deixa, portanto, de ser um registro do passado, para voltar-se para o futuro. Tanto o que doa, quanto o que recebe a herança (do conhecimento e do poder, daí resultante) fazem parte da construção do porvir³³. Nesse sentido, o ensaio crítico-biográfico de Gilberto Freyre é exemplar. Não só resgata o profetismo da obra de Euclides da Cunha, como levanta a pergunta: “Se tivesse hoje vinte, trinta ou quarenta nos, qual seria a posição de Euclides na vida brasileira e diante dos problemas do nosso tempo?”³⁴ Mesmo quando propõe uma resposta excessivamente moderada — atribuindo, ao Euclides dos anos trinta, uma posição de “esquerda” avessa à socialização internacionalizante —, seu ato de

³⁰ FREYRE, Gilberto. *Euclides da Cunha, tropicalista*. In: —. op. cit., p.178.

³¹ Ibidem, p.176.

³² VALÉRY, Paul. *Lettre sur la société des esprits*, apud DERRIDA, Jacques. op. cit., p.25.

³³ Cf. DERRIDA, op. cit., p. 28.

³⁴ FREYRE, Gilberto. op. cit. p.150, 151.

conjurar o espectro euclidiano mantém-lhe atuante a “potência de transformação”. Este não é, no entanto, o caso das imagens do escritor Euclides da Cunha, que as instituições culturais, a imprensa, a televisão e a *internet* vêm divulgando, para o grande público, ao longo de um século de sucessivas reedições de *Os sertões*. Desde os artigos jornalísticos e romarias, incentivados pelo Grêmio Euclides da Cunha, nos anos vinte, até a criação, em rede virtual, do Coletivo Euclidiano — uma *e-ong* —, em 2001, houve um crescente progresso tecnológico, mas o teor retórico do discurso, ao contrário, permanece o mesmo: dedicação “à memória eterna do glorioso Euclides da Cunha”.³⁵

³⁵ Disponível em http://berrante.no.sapo.pt/Semana_Euclidiana/sesjrp.htm.

Mídia e academia — espaços em conflito produtivo

No espaço público brasileiro, hoje, observa-se uma situação paradoxal: o “escritor difícil” Euclides da Cunha, além de integrar projetos de pesquisa acadêmica, está presente, de maneira constante, em vários dos veículos da comunicação de massa; mas a capacidade de intervenção sócio-política de seu pensamento perdeu-se por completo. Nas imagens biográficas e nos eventos, que levam seu nome, apenas se revisita, nostalgicamente, uma glória literária passada ou se reafirmam velhos motivos de orgulho do país ou da região. É claro que o discurso intelectual, sustentado, no âmbito universitário, por biógrafos críticos — como Walnice Nogueira Galvão e Roberto Ventura — dedica-se, com insistência, a uma leitura em perspectiva contemporânea. Sirva de exemplo a passagem em que Walnice destaca o impacto da guerra de Canudos — impacto renovado a cada leitura do texto “irritante” de *Os sertões*:

*Como não ficar traumatizado para sempre, se foi ali que se descobriu o Brasil, em que pela primeira vez se foi ao encontro da plebe miserável que até hoje constitui a maioria da população brasileira, e uma plebe cujas ações são de natureza incompreensível?*³⁶

³⁶ GALVÃO, op. cit., p.82.

No entanto, o impacto buscado pela mídia desloca qualquer tipo de denúncia quanto à miséria — passada e presente — da plebe rural. Seu interesse no teor biografável da figura de Euclides da Cunha reduz-se aos lances dramáticos da vida doméstica do engenheiro. Há cerca de dez anos, a Rede Globo de Televisão levou ao ar, com grande sucesso, a mini-série *Desejo*, cujo argumento centrou-se no triângulo

amoroso formado por Euclides, Anna (Saninha), sua mulher, e o jovem cadete, Dilermando de Assis, que se tornou amante dela. O papel de Euclides, desempenhado por um galã televisivo, correspondeu ao do marido, preocupado em resgatar a honra com sangue. O seu trabalho de escritor e o choque intelectual, produzido pela publicação de seu principal livro, ficaram, praticamente, esquecidos. Mas não são só as biografias áudio-visuais que obliteram a dimensão política da figura de Euclides da Cunha; também os relatos, em livro, que alcançam vendagem significativa, exploram as características machistas de seu comportamento, tornado público. Uma das fontes da mini-série televisiva foi *Anna de Assis*, o depoimento de uma das filhas de Saninha e Dilermando, feito ao escritor-jornalista, Jeferson de Andrade. Em narrativa romanceada, mas repleta de documentos, conta-se “a história de um trágico amor”, com o objetivo de desfazer “os equívocos sobre a morte de Euclides da Cunha”³⁷. O livro foi um *best-seller*: publicado em 1987, no ano seguinte, já estava na sétima edição. Seu sucesso deveu-se, certamente, à forma jornalístico-ficcional de levantar uma (duvidosa) bandeira feminista, revelando uma grande mulher oprimida e ofuscada pelo casamento insatisfatório com um homem famoso. A cada capítulo, reitera-se o propósito de restabelecer a (suposta) verdade sobre a vida matrimonial de um homem, independentemente de sua condição de escritor. Mas essa pretendida neutralidade sobre os escritos de Euclides é desmentida pela insistência de Anna e seus filhos em reivindicar os direitos autorais da obra euclidiana e denunciar, em nome daqueles, “sujeitos que nem conheceram Euclides [e] tornaram-se seus defensores... em causa própria.”³⁸

Se, na programação das grandes redes televisivas e em *best-sellers*, Euclides da Cunha continua presente, embora no papel secundário — convencionalmente vergonhoso ou ridículo — do marido traído, as páginas da *internet* sobre o escritor são bastante numerosas e informativas (comparadas a outros temas, considerados como da alta cultura). *Berrante*, um endereço na *internet*, é um misto de jornal cultural e propaganda turística de São José do Rio Pardo. Textos histórico-biográficos, notícias, fotografias e mapas organizam-se em função da Semana Euclidiana, que se realiza, desde 1912:

*A primeira manifestação pública ocorre quando um grupo de admiradores e amigos de Euclides da Cunha (“POR PROTESTO E ADORAÇÃO”, como diz Alberto Rangel) desloca-se até a cabana de zinco e sarrafos, às margens do Rio Pardo, ali prestando uma homenagem ao amigo ausente, no dia 15 de agosto.*³⁹

³⁷ ANDRADE, Jeferson de (depoimentos de Judith Ribeiro de Assis). *Anna de Assis. História de um trágico amor*. 7. ed. Rio de Janeiro: AM Produções Literárias, 1988. (A frase citada consta da capa do livro.)

³⁸ *Ibidem*, p. 252.

³⁹ http://berrante.no.sapo.pt/Semana_Euclidiana/sesjrp.htm

Salta à vista o contraste entre a sofisticação do veículo e o simplismo convencional com que é usado. Em seu orgulho localista, os responsáveis pela versão virtual da Semana

Euclidiana, embora listem, como conferencistas recentes do evento, os professores mais atualizados no assunto, continuam a usar o mesmo tom encomiástico e a mesma perspectiva acrítica do biógrafo-glorificador, Eloy Pontes. As três amostras, aqui comentadas, do perfil de Euclides na mídia, mostram que o discurso biográfico para a massa restringe-se a exaltar ou desqualificar. Desconhece alternativas a esse maniqueísmo, não se aventura em raciocínios críticos.

Na circunstância pós-moderna, que pulverizou as grandes narrativas e abalou as bases de universalização e legitimação do conhecimento, resta examinar as múltiplas pequenas narrativas setoriais, descartáveis ou limitadas ao âmbito do indivíduo, classificá-las e selecionar as que apresentam, mesmo momentaneamente, maior produtividade epistêmico-política. Por um lado, os relatos da mídia, que reivindicam a verdade dos fatos como sua própria matéria, resultam fantasmáticos, em sentido negativo, isto é, ilusórios, ultrapassados, reacionários. Por outro lado, o discurso intelectual consegue, de modo suavemente revolucionário, aproximar o passado do presente, lançando-se na direção do futuro. Mas só atinge tal resultado quando se estrutura com suficiente flexibilidade de critérios e conceitos, para admitir o trabalho de fantasmas, nas fissuras da consciência rememorativa e raciocinante. Diante desse contraponto, propõe-se retornar às reflexões anteriores, quando se examinaram os ensaios crítico-biográficos de Gilberto Freyre sobre Euclides da Cunha. Mesmo considerando sua complexidade, os textos gilbertianos sugerem algumas estratégias comunicativas, que, se transferidas para o discurso midiático, poderiam ampliar o grau de democratização do saber, preservando sua capacidade de intervenção crítico-política. O traço oralizante da escrita de Gilberto Freyre serve ao propósito de manter a proximidade com o leitor e emprestar sedução e suspense ao desenvolvimento de temas áridos. A forma ensaística — que ele procura herdar de Euclides, selecionando a estilização da ciência e rejeitando a rigidez oratória — presta-se à ficcionalização do documento. E é, justamente, esse tratamento ficcional dos registros, pesquisados nos arquivos, que vai tornar explícito e fascinante — para qualquer público — o efeito de real, produzido pela aparição precária mas efetiva do fantasma conjurado.

